

Definição de Curadoria:

Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial.

Maria Cristina Oliveira Bruno

A história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída a sua elaboração.

Georges Canguilhem, 1990

Apresentação:

O artigo ora apresentado foi elaborado com o objetivo de indicar alguns caminhos que têm sido percorridos em direção à definição conceitual sobre curadoria e que aproximam diferentes tempos históricos, distintos campos de conhecimento e múltiplos atalhos para seus usos. Trata-se, em especial, de um ensaio que busca desvelar a teia de influências que ampara a utilização e os múltiplos impactos contemporâneos do referido conceito.

Definir um conceito com larga e difusa aplicação, como é o caso de *curadoria*, pressupõe enunciar as qualidades essenciais de algo que o singularize, mas também, limitar, demarcar, procurar razões e raízes, buscar explicações e referendar constatações. É uma operação intelectual de mão dupla, pois, por um lado, há o impulso para buscar razões precisas e marcas históricas contundentes, mas, por outro, emergem as forças que valorizam a percepção em relação à multiplicidade de perspectivas, os usos como reflexo de expressiva massificação e os reiterados confrontos intelectuais em função das diversas aplicações conceituais.

Definir é, portanto, conviver com tensões, articular antagonismos para possibilitar esclarecimentos, permitir avanços em campos de conhecimento, ter a liberdade para fazer opções e diminuir as distâncias entre aqueles que sabem e ensinam e aqueles que aprendem e consomem. Definir é, também, determinar a extensão de um conceito, indicar o seu verdadeiro sentido e mapear as suas aplicações, procurando decodificar os limites e reciprocidades em relação aos diferentes usos. Definir implica, ainda, em procurar se desvencilhar das armadilhas que as traduções dos distintos idiomas nos colocam quando tratamos com conceitos de aplicação universal.

A partir dessas considerações iniciais e compreendendo que o conceito de curadoria tem uma trajetória de difícil mapeamento, este ensaio procura entrelaçar três

perspectivas: alguns aspectos do percurso histórico do conceito de curadoria que geraram heranças relevantes para a atual proposta de definição; os matizes de sua aplicação contemporânea que permitem observar os reflexos difusos desta herança e as respectivas reciprocidades entre o delineamento do perfil profissional do curador e o essencial do processo curatorial desenvolvido pelos museus. Cabe registrar que as reflexões aqui apresentadas privilegiam o contexto dos museus e as relações curatoriais que se estabelecem com os seus acervos e coleções.

Definir é, sobretudo, expressar um ponto de vista, registrar uma análise resultante de uma experiência e propor um caminho de percepção a partir de um olhar subjetivo e contaminado pelas artimanhas da própria formação profissional.

A elaboração deste ensaio levou em consideração que *curadoria* é um conceito em constante transformação com origem e longo caminho permeados por ações e reflexões relevantes para o cenário museológico, mas, pela forte capacidade de migração e de pouso em diferentes contextos, levou para outros cenários os atributos que caracterizam e valorizam as ações curatoriais inerentes aos acervos e coleções.

Neste sentido, este texto está ancorado em uma perspectiva museológica e privilegia um olhar em relação à aplicação do conceito de curadoria no contexto contemporâneo dos processos museológicos, a partir da valorização de idéias e práticas pretéritas e da constatação de que se trata de um conceito que tem sido apropriado, ressignificado e utilizado pelos mais diferentes campos profissionais.

Antecedentes: os percursos que contribuíram para o desenho contemporâneo do conceito de curadoria.

A história dos museus testemunha, pelo menos há quatro séculos, o surgimento das atividades de curadoria em torno das ações de seleção, estudo, salvaguarda e comunicação das coleções e dos acervos.

Desde o início deste percurso, as ações curatoriais denotaram uma certa cumplicidade com o pensar e o fazer em torno de acervos de espécimes da natureza e artefatos, evidenciando o seu envolvimento simultâneo com as questões ambientais e culturais. Desta forma, o conceito de curadoria tem em suas raízes as experiências dos gabinetes de curiosidades e dos antiquários do renascimento e dos primeiros grandes museus europeus surgidos a partir do século XVII.

Essas raízes desvelam facetas do colecionismo, das expedições, dos saques e dos processos de espoliação de referências patrimoniais, como também, estão na origem do surgimento de diversos campos de conhecimento que se estruturaram a partir dos estudos das evidências materiais da cultura e da natureza. Cabe sublinhar que a origem das ações curatoriais carrega em sua essência as atitudes de observar, coletar, tratar e

guardar que, ao mesmo tempo, implicam em procedimentos de controlar, organizar e administrar.

Esta teia de influências que chegou até nossos dias está impregnada, sobretudo, do exercício da capacidade de olhar, entendendo que:

“ O olhar tem que ter os atributos principais: lucidez e a reflexividade. Para ser lúcido, o olhar tem que se libertar dos obstáculos que cerceiam a vista; para ser reflexo, ele tem que admitir a reversibilidade, de modo que o olhar que vê possa por sua vez ser visto ”.

Sergio Paulo Rouanet (1989:131)

A extensa bibliografia sobre a história dos museus (Abreu, 1996; Barbuy, 1999; Benoist, 1971; Bittencourt, 1996; Bolaños, 2002, Bruno, 1999; Fernandez, 1999; Fontanel, 2007; Kavanagh, 1990, Lopes, 1997; Pearce, 1994; Schaer, 1993, entre muitos outros autores) procura explicar as razões, as estruturas de longa duração e os momentos de ruptura que têm envolvido o colecionismo e as entranhas dos processos institucionais que são responsáveis pelo estudo, preservação e divulgação das coleções no âmbito dos museus. Essa mesma bibliografia informa que, em sua origem, as ações curatoriais se bifurcaram em duas rotas que têm sido percorridas ao longo dos séculos, em alguns momentos se cruzando, em outros se distanciando e, ainda, potencializando a geração de novos caminhos.

Por um lado, os acervos de espécimes da natureza necessitavam de ações inerentes a “proceder à cura” de suas coleções e, por outro, os acervos artísticos exigiam ações relativas a “proceder à manutenção” de suas obras, impondo ações diferenciadas, permitindo a diversidade de modelos institucionais, potencializando a especialização de museus e o surgimento de diferentes categorias profissionais: o curador e o conservador. Esta perspectiva consolidou, por exemplo, as diferenças iniciais entre os perfis dos Museus de História Natural em relação aos Museus de Arte e até o século XIX esta diversidade tipológica caracterizou o universo dos museus.

A grande diáspora museológica, ocorrida nesse período, que é responsável pelo surgimento de instituições congêneres em todos os continentes, exportou a forma de trabalho curatorial como essencial para a atuação dos museus. A partir desse momento, verifica-se que os elementos europeus referentes à origem do conceito de curadoria se ampliam e se mesclam com distintas trajetórias locais, permitindo a percepção de outros matizes para a elaboração da definição de curadoria. É dessa forma que a potencialidade patrimonial do Brasil surge para esta definição e o próprio conceito de curadoria se envolve com a nossa realidade museológica.

Entretanto, esta diversidade não minimizou a importância do “estudo” para a definição das ações curatoriais, permitindo cunhar no âmago do conceito de curadoria a

perspectiva de produção de conhecimento novo a partir de coleções e acervos museológicos, reverberando os reflexos da importância dos museus nos meios das instituições científicas e culturais.

Assim, é possível constatar que o conceito de curadoria surgiu influenciado pela importância da análise das evidências materiais da natureza e da cultura, mas, também, pela necessidade de tratá-las no que corresponde à manutenção de sua materialidade, à sua potencialidade enquanto suportes de informação e à exigência de estabelecer critérios de organização e salvaguarda. Em suas raízes mais profundas, articulam-se as intenções e os procedimentos de coleta, estudo, organização e preservação, e têm origem as necessidades de especializações, de abordagens pormenorizadas e do tratamento curatorial direcionado a partir da perspectiva de um campo de conhecimento.

A bifurcação acima referida influenciou, ainda, o surgimento de diferentes nichos profissionais no interior das instituições que têm sob sua responsabilidade coleções e acervos. Desta forma, os cuidados com a manutenção permitiram o delineamento de uma rota independente, ainda hoje com singular importância, que acolhe as atividades de conservação e restauro dos bens patrimoniais, amparando a profissão de conservador/restaurador e determinando a necessidade de formação específica.

Este ensaio está pautado, portanto, pela trajetória das ações curatoriais que subsidiaram a função do curador e de seus respectivos reflexos nos processos museais. A partir deste ponto de vista, é possível reconhecer que as raízes conceituais do conceito de curadoria, em especial, se ramificaram nas estratigrafias dos solos das instituições museológicas dedicadas às ciências e, só tardiamente, já na segunda metade do século vinte, migraram para as instituições dos campos das artes. Da mesma forma, as ações curatoriais até o período acima referido, restringiram-se aos procedimentos de estudos (pesquisas de diferentes campos de conhecimento) e salvaguarda (atividades de conservação e documentação) das coleções e acervos e, na contemporaneidade, subsidiam os processos de extroversão dos bens patrimoniais, consolidando ações de comunicação e educação.

Não foram somente as coleções e os acervos relativos aos ramos da História Natural, mas, também, aqueles referentes aos estudos antropológicos, arqueológicos, históricos, entre outros, que se beneficiaram das noções e dos procedimentos curatoriais, que consolidaram a importância dos museus, contribuíram para a elaboração de metodologias científicas, definiram a hierarquia de campos profissionais e permitiram a preservação patrimonial, uma vez que “proceder à cura” passou a ser interpretado como um conjunto de procedimentos inerentes à seleção, coleta, registro, análise, organização, guarda e difusão do conhecimento produzido. Trata-se de uma articulação de procedimentos técnicos e científicos que têm contribuído, sobremaneira, para o nosso conhecimento relativo às questões ambientais e culturais de interesse para a humanidade. Neste sentido, as noções herdadas de “organização e guarda” ampliaram e

particularizaram os aspectos constitutivos da definição de curadoria e, ao mesmo tempo, consolidaram diversos campos de conhecimento. Essa definição, gradativamente, passou a ser difundida a partir de publicações de periódicos especializados das mais variadas áreas científicas, impregnou os textos dos trabalhos acadêmicos no ambiente universitário e sinalizou em relação a sua expansão, nomeando os certames científicos.

De uma certa forma, as ações curatoriais que contribuíram para o delineamento do perfil das instituições museológicas e permitiram a emergência de áreas de conhecimento, evidenciam a importância da articulação cotidiana de diferentes trabalhos, mas uma observação pormenorizada destas instituições nos faz perceber que esta herança chegou ao século XX permeada por ações isoladas, com pouca inspiração democrática e vocacionada ao protagonismo. Não são raros os casos que emergem da bibliografia especializada que apontam o curador como o responsável por um acervo, como o especialista de um campo de conhecimento, como aquele profissional apto a assumir a direção de um museu.

Essas idiosincrasias, de alguma forma distanciam a definição de *curadoria*, que é compreendida como o conjunto de atividades solidárias, em relação à definição de *curador*, quando este é visto como um profissional onipotente em relação à dinâmica institucional. Esta contradição também deixou marcas na organização dos museus, na concepção dos cursos de formação profissional e contribuiu com a rápida migração para outros contextos, externos ao universo museológico.

Entretanto, é possível considerar que em sua origem remota a definição de curadoria, contextualizada pela trajetória dos museus, está apoiada na constatação que os acervos e coleções exigem cuidados que, por sua vez, são reconhecidos como procedimentos técnicos e científicos e têm sido responsáveis pela organização de metodologias de trabalho de diferentes ciências.

Matizes da aplicação contemporânea das ações curatoriais: os impactos da migração e da vulgarização conceituais.

As ações curatoriais, com distintos graus de especializações, alcançaram o século passado e encontraram os profissionais de museus envolvidos em grandes confrontos, reconhecendo e valorizando inéditos recortes patrimoniais, sofisticando os seus processos de trabalho, abrindo as suas portas para novos segmentos das sociedades e constatando a necessidade do trabalho interdisciplinar. As heranças dos períodos anteriores marcaram a definição de curadoria nos seguintes aspectos:

- valorização da especialização na formação acadêmica e no exercício profissional;
- importância da tutela, com vistas aos estudos, tratamento e extroversão, dos acervos e coleções;

- relevância e independência da figura do curador, como o profissional responsável pela dinâmica institucional;
- projeção da importância dos museus nos circuitos universitários e culturais.

A partir da segunda metade do século XX, as análises críticas, sobejamente discutidas pelas mais diferentes correntes bibliográficas (Chagas, 1999; Desvallées, 1992; Guarnieri, 1990; Hernández, 1998; Huyssein, 2000; Varine, 1996, entre muitos outros autores), impulsionaram a experimentação de inéditos processos de ação museológica, valorizando a participação comunitária no que tange aos procedimentos de salvaguarda e comunicação e estabelecendo uma nova dinâmica em relação às noções de acervo e coleções. Os impactos destas críticas geraram, ainda, novos modelos museológicos, como os museus comunitários e os ecomuseus e movimentos de profissionais que, hoje, são reconhecidos como integrantes da Sociomuseologia. Neste contexto, o conceito de curadoria não encontrou eco e as metodologias de trabalho implementadas têm sinalizado para processos transdisciplinares, coletivos e de auto-gestão.

Neste mesmo período, contraditoriamente, a figura do curador já contava com espaço central nas instituições museológicas de caráter científico e já se confundia com o único profissional apto a responder pelas coleções e acervos de sua especialidade, em todos os níveis da ação museológica.

Da mesma forma, entrelaçado em contradições, o processo de trabalho curatorial passou a ser relevante para as instituições com acervos – materiais e imateriais - artísticos, históricos, de cultura popular, entre muitos outros e, ainda, ampliou os seus tentáculos atingindo outros modelos de instituição como centros culturais, centros de memória e galerias de arte. Este movimento entre funções, responsabilidades e perfis profissionais potencializou as atividades curatoriais, orientando-as também para as ações de exposição e de educação. Entretanto, é possível constatar que o profissional curador e o conceito de curadoria ficaram delimitados aos museus tradicionais, impregnados pela projeção das especializações, pela relevância dos profissionais e pela potencialidade científico-cultural dos acervos e coleções.

Nesse percurso, o conceito de curadoria passou a desempenhar um papel central em relação ao estudo, organização e visibilidade dos acervos de arte e da produção artística, com especial ênfase para a produção contemporânea. Dessa forma, a definição de curadoria ganhou atributos novos que trouxeram para este cenário a super valorização das atividades expositivas das coleções e dos acervos, a possibilidade de articulação com os próprios autores das obras e um protagonismo sem precedentes que se mistura com o mercado de artes, com os canais de comunicação e com a projeção social. Enquanto a herança proveniente dos museus de ciências valoriza o curador, que é o especialista de sua própria instituição e com enorme projeção interna no que diz respeito aos destinos da instituição, os museus de arte não priorizam estas características e, muitas vezes, abrigam trabalhos curatoriais externos ao seu universo profissional.

Assim, nas últimas décadas, a definição de curadoria tem sido permeada pelas noções de domínio sobre o conhecimento de um tema referendado por coleções e acervos que, por sua vez, permite a lucidez do exercício do olhar, capaz de selecionar, compor, articular e elaborar discursos expositivos, possibilitando a reversibilidade pública daquilo que foi visto e percebido, mas considerando que as ações de coleta, conservação e documentação já foram realizadas. Para alguns, a implementação de atividades curatoriais depende especialmente de uma cadeia operatória de procedimentos técnicos e científicos e o domínio sobre o conhecimento que subsidia o olhar, acima referido, é na verdade a síntese de um trabalho coletivo, interdisciplinar e multiprofissional. Para outros, o emprego da definição de curadoria só tem sentido se for circunscrito a uma atividade que reflita um olhar autoral, isolado e sem influências conjunturais que prejudiquem a exposição de acervos e coleções, conforme os critérios estabelecidos em função do domínio sobre o tema.

O alcance do universo das artes, a resistência nos contextos das instituições científicas, a cumplicidade com os meios acadêmicos e, mais recentemente, a convivência com os cenários de comunicação de massa, trouxeram à definição de curadoria as perspectivas de popularização e de vulgarização que dificultam o mapeamento contemporâneo sobre os limites deste alcance. Reconhece-se, entretanto, que essa definição já extrapolou e muito o universo das instituições museológicas e tem sido aplicada em diversos contextos, onde os parâmetros de estabelecer critérios para seleção de referências de um universo referido, de organizar dados para a realização de um processo comunicacional, de tutelar a guarda e extroversão de acervos, são relevantes para o desenvolvimento de projetos que têm caracterizado os campos das artes e das ciências.

Assim, os matizes contemporâneos que podem colaborar com o desenho da definição de curadoria são difusos, cada vez mais pulverizados em diferentes campos de atuação profissional e, muitas vezes, de difícil manejo quando confrontados com alguns paradigmas contemporâneos que pregam a importância do trabalho interdisciplinar, que exigem das instituições científicas e culturais a possibilidade de participação comunitária em suas decisões em relação aos acervos e coleções e que mobilizam diferentes estratégias para dar um sentido social aos bens patrimoniais.

A importância dos processos museológicos para a definição de curadoria.

Definir curadoria, a partir de um olhar permeado por noções museológicas, permite perceber a importância da cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural) que, uma vez articulados com os estudos essenciais relativos aos campos de conhecimento responsáveis pela coleta, identificação e interpretação das coleções e acervos, são fundamentais para o desenvolvimento dos museus e das instituições congêneres.

A definição contemporânea pode trazer parâmetros para outros contextos institucionais que têm utilizado o conceito de curadoria, extrapolando a ação museológica, mas para os museus as perspectivas de “processo” e de “cadeia operatória” são essenciais. Essas perspectivas, por sua vez, abrem caminhos para as exigências relativas às necessidades de planejamento e de avaliação no âmbito dos museus e, ao mesmo tempo, implicam na assimilação de desafios inéditos no que tange à “qualidade técnica”, à “prestação de contas públicas” e à “transparência nos procedimentos”.

A partir das heranças já mencionadas e da constatação dos insumos contemporâneos, essa definição deve articular as noções de “olhar reflexivo”, ou seja, aquele que permite a percepção, a seleção, a proteção e a exposição de evidências materiais da cultura e da natureza e o domínio sobre o conhecimento de coleções e acervos, com as perspectivas de “ações interdependentes” que estabelecem a dinâmica necessária aos processos curatoriais. Essa articulação, por sua vez, aproxima as intenções e as idéias curatoriais das “diferentes expectativas” que as sociedades projetam nas instituições patrimoniais. Essa definição contempla, também, a função que os acervos, coleções e museus devem desempenhar na contemporaneidade.

Assim, refletir sobre a definição de curadoria permite reconhecer que para a efetivação dos processos curatoriais é fundamental o exercício do olhar, a implementação de atividades solidárias e o respeito às exigências sócio-culturais. Trata-se, em sua essência, de uma definição que não reserva espaço para ações isoladas, protagonismos individuais ou negligência em relação aos fruidores das atividades curatoriais.

Hoje, essa definição encontra maior aplicação e visibilidade no âmbito dos procedimentos expográficos das instituições museológicas e mesmo nos projetos expositivos que são viabilizados em outros espaços públicos. Os termos curadoria e curador têm sido utilizados com frequência e de forma restrita para indicar o tipo de trabalho e o perfil do protagonista, inerentes à concepção de discursos expositivos, ou seja: a realização de uma exposição depende do domínio sobre os acervos e coleções, da potencialidade de seleção e da capacidade de elaboração de hipóteses para a constituição de discursos expositivos.

As tarefas que envolvem a extroversão e o tratamento público de temas e acervos refletem grande afinidade com as atividades museológico-curatoriais, têm sido abordadas por correntes bibliográficas vinculadas aos aspectos metodológicos da produção dos museus e dos processos museológicos (Cury, 2005; Fernandez & Fernandez, 1999; Gómez, 2005; Montaner, 1995; Rico, 2006; Thompson, 1992, entre outros autores) e podem ser resumidas nas seguintes operações:

- delimitação do recorte patrimonial no âmbito das coleções e dos acervos, a partir de intenções pré-estabelecidas;
- concepção do conceito gerador a partir da delimitação do enfoque temático e do conhecimento das expectativas do público em relação à temática

selecionada, valorizando as vocações preservacionistas e educacionais dos discursos expositivos ;

- seleção e enquadramento dos bens identificados como referenciais para a abordagem do tema proposto, respeitando as articulações com os processos de conservação e documentação;
- conhecimento do espaço expositivo e de suas potencialidades públicas;
- definição dos principais objetivos do discurso expositivo e dos critérios para avaliação do produto expográfico, respeitando as potencialidades de ressignificação das coleções e acervos, as necessidades de entrelaçamento com as premissas educacionais e a realidade conjuntural da instituição;
- concepção do roteiro do circuito expográfico, a partir do delineamento das questões de infra-estrutura e das linguagens de apoio;
- elaboração do desenho expográfico, indicando as características técnicas da proposta expositiva e
- organização e realização do projeto executivo, considerando os parâmetros de produção, cronograma, orçamento e avaliação.

As operações acima sintetizadas permitem avaliar o grau de interdependência entre as diferentes ações curatoriais e a relevância da noção de processo para a realização das atividades de curadoria. Englobam, em sua dinâmica, a importância do conhecimento acumulado em diversos campos já estabelecidos, a expectativa da produção de novas análises, o domínio técnico sobre os mais variados trabalhos e a consciência de que o resultado destas operações deve servir às sociedades. As atividades museológico-curatoriais são, imperiosamente, ações coletivas e multiprofissionais. Nesse sentido, o protagonismo do curador deve ser o reflexo de sua capacidade de liderança e de sua compreensão em relação às reciprocidades entre as atividades acima indicadas.

Apesar das contradições geradas ao longo do tempo, o conceito de curadoria ainda é referencial para a concepção e desenvolvimento dos museus e instituições congêneres, é inspirador para a sensibilização dos estudantes que procuram especializações nestes campos profissionais, é discutido em uma vasta bibliografia pontuada por distintas áreas científicas e ainda é potencializado pelos meios de comunicação de massa. São evidências, sem dúvida, de sua atualização e relevância nos dias atuais.

Assim, pode-se considerar que curadoria é a somatória de distintas operações que entrelaçam intenções, reflexões e ações, cujo resultado evidencia os seguintes compromissos:

- a identificação de possibilidades interpretativas reiteradas, desvelando as rotas de ressignificação dos acervos e coleções;
- a aplicação sistêmica de procedimentos museológicos de salvaguarda e de comunicação aliados às noções de preservação, extroversão e educação e
- a capacidade de decodificar as necessidades das sociedades em relação à função contemporânea dos processos curatoriais.

Em um olhar retrospectivo é possível constatar que a trajetória da definição do conceito de curadoria evidencia tentativas de refinamento progressivo, mas tem sido pautada pela tensão entre os diferentes campos que interagem nos museus, permeados pelos caminhos do enquadramento, do tratamento e da extroversão da herança patrimonial.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Regina. A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa: Rocco, 1996.

BARBUY, Heloisa. A exposição universal de 1889 em Paris. São Paulo: Loyola, 1999.

BENOIST, Luc. Musée et Museologie. Paris: Presses Universitaires de France, 1971. (Collection Encyclopédique, Que sais-je?, 904).

BITTENCOURT, José Neves. Gabinetes de Curiosidades e museus: sobre tradição e rompimento. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v.2,1996.

BOLAÑOS, Maria (edit.). La Memória del mundo – cien años de museologia – 1900-2000. Gíjon: Ediciones TREA, 2002.

BRUNO, Maria Cristina. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema, São Paulo. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 17)

CANGUILHEM, Georges. La santé: concept vulgaire et question philosophique. Toulouse: Sables, 1999.

CHAGAS, Mário S. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13).

DESVALLÉES, André. Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie. Mâcon: Editions W : M.N.E.S., v.2 , 1994. (Collection Muséologique).

FERNANDEZ, Luiz Alonso. Museologia: introducción a la teoria y practica del museo. Madrid: ISTMO, 1993.

FONTANEL Béatrice. L'Odysée des Musées. Paris: Éditions de La Martinière, 2007.

GUARNIERI, Waldisa R. C. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e preservação. In: Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, n.3, 1990.

HERNÁNDEZ, Francisca. El museo como espacio de comunicacion. Gijon: Ediciones TREA, 1998.

HUYSEIN, Andréas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000

KAVANAGH, Gaynor. History Curatorship. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.

LOPES, Maria Margareth. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais do século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.

PEARCE, Susan M. Museums and appropriation of culture. London: Atlantic Highland: Athlone Press, 1990.

ROUANET, Sérgio Paulo. O Olhar Iluminista. In: o Olhar. São Paulo. Editora Schwarcz, 1989.

SCHAER, Roland. L'invention des Musées. Evreux: Gallimard, 1993. (Découvertes Gallimard, 187).

VARINE, Hugues. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, 5).